

Próximo Next Futuro Future



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

POESIA/POETRY

GOLGONA ANGHEL (3)

HARRY GARUBA (5)

JOAN METELERKAMP (18)

PETER KAGAYI (21)

TJ DEMA (26)

VONANI BILA (29)

PORTEFÓLIO/PORTFOLIO

CATARINA BOTELHO (8)

CAPA/COVER

ZWELETHU MTHETHWA

GOLGONA
ANGHEL

Portugal



Nascida em 1979, licenciou-se em Estudos Portugueses e Espanhóis, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (2003), onde, mais tarde, concluiu o doutoramento em Literatura Portuguesa Contemporânea (2009). Desde aí, desenvolve a sua atividade de investigação no âmbito de um projeto de pós-doutoramento, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Publicou os livros de ensaio “Eis-me acordado muito tempo depois de mim, uma biografia de Al Berto” (Quasi Edições, 2006), “Cronos decide morrer, viva Aiôn, Leituras do tempo em Al Berto” (Língua Morta, 2013) e as poesias “Crematório Sentimental” (Quasi Edições, 2007), “Cómo desaparecer” (Diputación de Málaga, 2011), “Vim porque me pagavam” (Mariposa Azual, 2011), “Como uma flor de plástico na montra de um talho” (2013, no prelo). Mais recentemente, preparou uma edição diplomática dos “Diários” do poeta Al Berto (Assírio & Alvim, 2012).

Born in 1979, Golgona Anghel graduated Portuguese and Spanish Studies from the Faculty of Letters of the University of Lisbon (2003), where she later completed her PhD in Contemporary Portuguese Literature (2009). Since then, she has been conducting research under the scope of a post-doctoral project at the Faculty of Social and Human Sciences of the New University of Lisbon. She has published collections of her essays “Eis-me acordado muito tempo depois de mim, uma biografia de Al Berto” (Quasi Edições, 2006), “Cronos decide morrer, viva Aiôn, Leituras do tempo em Al Berto” (Língua Morta, 2013) and her poems “Crematório Sentimental” (Quasi Edições, 2007), “Cómo desaparecer” (Diputación de Málaga, 2011), “Vim porque me pagavam” (Mariposa Azual, 2011), “Como uma flor de plástico na montra de um talho” (2013). More recently, she prepared a diplomatic edition of the “Diaries” of the poet Al Berto (Assírio & Alvim, 2012).

*

Somos daqueles que limpam os ouvidos

com a chave do Mercedes
e fazem estalar os dedos,
às escuras, nas salas de cinema;
filhos das vindimas e da apanha da azeitona,
homens, quando a noite usa decote.
Somos, hoje, a melhor geração
de cansados profissionais, os mais vendidos autores do acaso.
Treinamos predadores de moscas,
limpamos passados, fígados gordos, rins cheios de diamantes.
Temos as mãos trémulas, é certo,
mas arrumamos,
seguros,
o dominó, no pátio do Alzheimer,
pois é a nós que procura a seta.
De maneira que não adianta muito termos pressa:
um dia, alguém chamará por nós
e nos marcará no peito
o número da sorte
com o ferro quente
com que se conta,
na primavera,
o gado.

*

We're of those who clean up their ears

with the Mercedes key
and snap their fingers,
in the dark, at the cinema,
sons of the grape harvest and of the olive picking,
men, when the night wears cleavage.
We are, today, the best generation
of professional tired people, the best-selling authors of chance.
We train flies predators,
we clean up pasts, fat livers, kidneys filled with diamonds.
We have trembling hands, that's correct,
but we sort out,
confidently,
the domino, in the Alzheimer's park,
cause it's us that the arrow's looking for.
So, it doesn't really matter to hurry up:
one day, someone will call us
and will mark on our chest
the lucky number
with the burning iron
that counts,
in the spring,
the cattle.

GOLGONA ANGHEL

Canta-nos algo, Marilú,
uma música de pós-guerra, alimentada por balas perdidas e
chamadas para longe.
Canta-nos algo,
mexe a anca, estremece as mamas,
cospe esse talento pela noite dentro.
Não te acanhas, nós já vimos tudo.
Basta-nos a luzinha de um pirilampo para incendiar um porto.
Eu sei, as madrugadas cheiram a peste e a gasóleo,
os geradores fazem vibrar os copos e as nossas camas.
A árvore da nossa vida é
este ramo de coentros
que borrifamos nos canteiros,
como se fossem rosas.
Alumiei há pouco o muco amarelo de uma vela.
Há fogo, batatas e bagaço.
Canta-nos algo, Marilú!
Uma música de fundo, sem letras, sem palco e sem violinos.
Sê o meu ruído quente o meu som de vício.
Apesar da calvície,
continuo a ser este gato gigante
que dormita nas escadas
e se deixa acariciar por toda a gente.
Vem cá tocar o bicho,
vem cá provar o molho!
Vais ver, Marilú,
qualquer vômito tem um mito lá dentro.

Sing us something, Marilú,
one post-war song, fed up with lost bullets and
long distance calls.
Sing us something,
move your hip, jerk your breasts,
spit that talent into the night.
Don't be shy, we've seen it all.
A firefly light is enough for us to throw a port on fire.
I know, the dawn's smells of plague and diesel,
the generators make our glasses and beds tremble.
Our life's tree is
this coriander bouquet
that we sprinkle on the bed,
as if they were roses.
I've just lit the yellow mucus of a candle.
There're fire, potatoes and bagasse.
Sing us something, Marilú!
One background music, without lyrics, or a stage, without violins.
Be my warm noise, my addiction sound.
Despite the baldness,
I'm still this giant cat
that sleeps on the stairs
and lets himself getting caressed by everyone.
Come here and touch the creature,
come here and taste the sauce!
You'll see, Marilú,
there's a myth inside every vomit.

HARRY GARRUBA

Nigéria / Nigeria



Poeta, antologista e académico, é autor da coleção Shadow & Dream and Other Poems, além de ser o editor da antologia de referência da nova poesia nigeriana, "Voices from the Fringe". Professor Associado de Estudos Ingleses e Africanos, da Universidade da Cidade do Cabo, é amplamente publicado na área da literatura africana e obteve bolsas da Fundação Andrew W. Mellon para o Centro de Pesquisa de Humanidades Harry Ransom, da Universidade do Texas, em Austin, e do Mandela Fellowship Program para o Instituto W.E.B. Du Bois, da Universidade de Harvard. Foi, anteriormente, diretor do Centro de Estudos Africanos da Universidade da Cidade do Cabo.

Harry Garuba is a poet, anthologist and scholar. He is author of the collection "Shadow & Dream and Other Poems" and has edited the hallmark anthology of new Nigerian poetry entitled "Voices from the Fringe". An associate professor of English and African Studies at the University of Cape Town, he is widely published in the field of African Literature and has held a Mellon fellowship at the Harry Ransom Humanities Research Center, University of Texas at Austin and a Mandela fellowship at the WEB DuBois Institute, Harvard University. He was previously Director, Centre for African Studies, University of Cape Town.

Ecos da praia

O solitário sentinela nesta praia de sangue,
Percorre o oceano a areia e as conchas, aguardando a hora

A história ecoa desta costa-tornada-praia
Como um conto espectral envolvido em fugazes imagens

Sol, mar e o tombo das ondas
E os escravos nas suas celas observam

As grades marcam as caras como um argumento alienígena
De dor, linhas de sofrimento escritas em corpos quebrados

A liberdade das gaivotas sobre o oceano
Faróis com asas de infundáveis trilhos aéreos

De esperança por entre o peso de sonhos enclausurados
Perguntando se escutam pela alvorada de uma madrugada virgem

E sonham novamente com florestas e flores – e flautas
Que nunca se calam mesmo quando os tambores são silenciados

Echoes from the Beach

The lone sentry on this beach of blood
Walks the sea sand and shells, awaiting the hour

History echoes from this seashore-become-beach
As a spectral story enfolds in fleeting images...

Sun, sea and the tumble of waves
And the slaves in their cages watch

The bars letter their faces like an alien script
of sorrow, lines of grief written on broken bodies

The freedom of the gulls above the waves
Beacon with wings of endless flight trails

Of hope amid the weight of dreams encaged
Asking that they listen for the cockcrow of a virgin dawn

And dream anew of forests and flowers – and flutes
That never cease even when the drums are silenced

HARRY GARRUBA

Dia da nomeação

Ela segurou-me a cabeça de perto e cantou-me ao ouvido esquerdo,
Depois moveu-se e entou os sons novamente no meu ouvido direito

Este é um cântico de que te vais lembrar e não lembrar, disse,
O teu nome secreto, santo e sacro, o óleo do teu espírito
Conhecido apenas por ti e pelos espíritos do teu corpo,
Um nome que vais saber e não saber

Este é o nome que o vento e a água te vão sussurrar
O nome pelo qual as árvores te vão conhecer,
O nome que virá com a noite quando a lua te visitar
O nome vibrante que agitará os teus sonhos com estrelas

Como a sombra ele será o teu irmão obscuro quando o sol se erguer
Ele vai residir em silêncio nas tuas paixões secretas

Este é o nome de que te vais recordar mas não lembrar
Abrigado no bater do teu coração como uma música que conheces
e desconheces

Naming Day

She held my head close and chanted in my left ear,
Then she moved and chanted the sounds again in my right ear

This is a chant you will remember and not remember, she said,
your secret name, holy and sacred, the oil of your spirit
known only to you and the spirits of your body,
a name you will know and not know

This is the name the wind and the water will whisper to you
The name by which the trees will know you,
the name that will come with the night when the moon visits you
the rousing name that will stir your dreams with stars

like the shadow it will be your shaded twin when the sun rises
it will dwell in silence in your secret passions

This is the name you will recall but not remember,
Lodged in your heartbeat like a song you know and do not know

HARRY GARRUBA

Avore, Rio, Mulher, Água, Poema

*Quando a árvore derrama a sua indumentária e perfila-se nua
Como os dedos de uma mão, seus braços expandem-se
Procurando o toque de outros corpos, outras árvores*

Eu quero dar-te o nome desta árvore, fazer-te
Um corpo que vive de água solo e luz do sol
Dar-te um nome que junta ser e corpo
Como um sacramento que dissolve fronteiras

Mas as estrelas cintilam perversamente e a lua sorri com desdém
Um sorriso desenhado sobre a superfície do céu

*Quando o rio derrama a sua origem e corre livremente
Como a sola dos pés, o seu corpo desloca-se adiante
Procurando o toque de outros corpos, outros rios*

Eu quero dar-te o nome deste rio, fazer-te
Um corpo de vento e água que flui com graça e glória
Dar-te um nome que faça carne e planta juntarem-se e reproduzirem-se
Numa dança de pólen, um coito que dissolve fronteiras

Mas as estrelas cintilam perversamente e a lua sorri com desdém
Um sorriso desenhado sobre a superfície do céu

Nem árvore nem rio, nem solo nem raio de sol
Nem vento nem água podem reclamar-te um nome

Tu continuas aqui e em todo o lado, em tudo e em todas as coisas,
Árvore, rio, mulher, água, poema.

Tree, River, Woman, Water, Poem

*When the tree sheds its garments and stands naked
Like the fingers of a hand, its arms branch out
Seeking the touch of other bodies, other trees*

I want to name you after this tree, to make you
A body that lives on water and soil and sunlight
Give you a name that brings being and body together
Like a sacrament that dissolves boundaries

But the stars wink in mischief and the moon smirks,
a penciled smile across the face of the sky

*When the river sheds its source and runs freely
Like the soles of the feet, its body moves forward
Seeking the touch of other bodies, other rivers*

I want to name you after this river, to make you
A body of wind and water that flows with grace and glory
Give you a name that makes flesh and plant meet and mate
In a pollen-dance, a coitus that dissolves boundaries

But the stars wink in mischief and the moon smirks,
a penciled smile across the face of the sky

Neither tree nor river, neither soil nor sunlight
Nor wind nor water can claim you with a name

You remain here and everywhere, in everything and in all things:
Tree, river, woman, water, poem.

Portefólio / Portfolio

CATARINA BOTELHO

Catarina Botelho (Lisboa, 1981) termina o curso de pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa em 2004, e posteriormente, frequenta o curso avançado de fotografia do Ar.Co e o curso de Fotografia do Programa de Criatividade e Criação Artística da Fundação Gulbenkian. Expõe regularmente desde 2005, destacando-se do seu percurso os seguintes momentos: em 2007 vence o prémio Bes Revelação; em 2010 é selecionada para a Plat(T)form 10 no Winterthur Museum; é nomeada para o prémio Edp Novos Artistas em 2011 e em 2012 para o European Photo Exhibition Award; ainda em 2012 expõe com a Galeria Elba Benítez na FotoEspaña e em 2013 é uma das residentes da FAAP em São Paulo.

Catarina Botelho (born 1981, Lisbon, Portugal) graduated in Painting at the Faculty of Fine-Arts of the University of Lisbon in 2004. Afterwards she attended Advanced Photography at Ar.Co and Photography at Gulbenkian Program on Creativity and Artistic Creation. She has exhibited regularly since 2005 and has on won the prize BES Revelação in 2007. Botelho was also selected in 2010 for the Plat(T)form 10 at Winterthur Museum and nominated for the awards: EDP Novos Artistas in 2011 and the European Photo Exhibition Award in 2012. In the same year she exhibited at Elba Benítez Gallery (FotoEspaña) and currently she is a resident artist at the FAAP, São Paulo.



da série / from the series "Descriptive Memory", 2013









JOAN METELERKAMP

África do Sul / South Africa



Nascida em 1956, vive numa pequena quinta familiar nos arredores de Knysna e é professora do programa de mestrado em Escrita Criativa, na Universidade de Rhodes, em Grahamstown. A sua obra consta em várias antologias, quer publicadas no seu próprio país, como em antologias internacionais de literatura sul-africana. Durante alguns anos, foi a editora do jornal de poesia New Coin, tendo também sido crítica de poesia e escrito ensaios, dos quais o mais recente foi traduzido para francês e incluído na antologia “Afrique du Sud, une traversée littéraire”. Participou em festivais de literatura e prepara a publicação do seu oitavo livro de poesia, pela Modjaji Books.

Joan Metelerkamp (1956) lives on a small family farm outside the town of Knysna and teaches in the Masters in Creative Writing program at Rhodes University, Grahamstown. She is a poet whose work has been widely anthologized in her own country as well as in some international anthologies of South African writing. She edited “New Coin” poetry journal for some years, has written poetry reviews and essays, the most recent of which was translated for the French book “Afrique Du Sud, une traversée littéraire”, and has taken part in numerous literary festivals. Her eighth book of poems will be published later this year by Modjaji Books, Cape Town.

Nenhum Outubro
de que te lembres
que fosse tão parado
depois a meio do mês
com a primeira neblina peganhenta –
todas as rãs de África
berraram amontoadas
em coro;
se num momento fortuito olhas para cima
para o cinzento e a ambiguidade de uma tarde,
tudo parece até claro de repente
é assim
está bem
pode ser

Never an October
you remember
so still
then near the middle of the month
the first thick mist –
all the frogs in Africa
crammed together
in chorus;
an accidental moment as you look up
mid-afternoon’s greyness, vagueness,
all at once it’s all quite clear
this is how it is
it’s ok
it can go

JOAN METELERKAMP

A mãe da noiva, provavelmente, pertencerá eternamente
a este lugar;
pela a maneira como se enrola debaixo dos cobertores durante o resto do dia
como um ouriço-cacheiro quando a chuva vem do oeste, ao meio-dia,
a maneira como fica a ouvir o canto das rãs, na neblina;
ou quando o vento das montanhas se eleva durante a noite e ela não consegue dormir de todo
fica a snifar o céu para fumar;
a maneira como durante estas tardes quentes não faz nada a não ser esperar
pelas cobras;

num dia assim foram para baixo para umas poças entre as rochas,
a noiva e a sua mãe, tiraram as roupas, bem submersa
a noiva nadou, e depois do mergulho, desde as rochas,
a sua mãe olhou lembrou-se por momentos dos antepassados
lavou assim as suas costas

The mother of the bride, most likely, will always be native
to this place;
the way when the rain comes from the west, middle of the day
she curls like a hedge-hog under the covers the rest of the day;
in the mist listens to the song of frogs;
or when the berg wind gets up at night she can’t sleep at all
keeps sniffing the sky for smoke;
the way these first hot afternoons she does nothing but wait
for snakes;

on a day like this they went down to the rock pools,
the bride and her mother, took off their clothes, thigh deep
the bride swam, and after her dip, from the rocks,
her mother watched remembered the ancestors for a moment
washed off their backs

JOAN METELERKAMP

O noitibó está a cantar de novo *aqui*
chega a noiva como se não tivesse chegado, partido
como se não fosse a altura certa para irmos para ali de novo –
independentemente onde estiver faz de nós um só de novo no sítio onde
fazemos de nós mesmos um de novo connosco –
quem, o quê podemos culpabilizar para torná-lo impossível
como haveremos de voltar a esse sítio de novo
(pecado tédio apóstrofo parêntese
a porra da vontade a meio-gás)
o noitibó partido por detrás da nuvem e da lua
lerdo e atordoado como uma criança alta e pálida
sem querer fazer nada
(a sua máscara apenas a máscara que toda a gente conhece
pela marca que tem no pescoço que faz dela o que de facto é)

The nightjar is singing again *here*
comes the bride as if she hadn't come, gone
as if it weren't time for us to go there again –
wherever it is makes us at one again where
we make ourselves one again with ourselves –
who, what can we blame for making it impossible
how will we get back to that place again
(debt boredom apostrophe parenthesis
half fucking heartedness)
the nightjar gone behind the cloud and the moon
sheepishly gauchely like a tall pale child
not wanting to perform at all
(her mask only a mask everyone knows
from the mark on her neck who she really is)

PETER KAGAYI

Uganda



Poeta, advogado e professor, nasceu em 1986 e é performer de poesia no grupo Lantern Meet of Poets, além de ativista social. Os seus poemas apareceram recentemente na primeira publicação do grupo, sob o título “Broken Voices of the Revolution”. Atualmente trabalha na sua primeira antologia.

Was Born in 1986 and he is a poet, lawyer and teacher. He is also a poetry performer with the Lantern Meet of Poets, and a social activist. His poems recently appeared in the Lantern Meet of Poets maiden Publication “Broken Voices of the Revolution”. Currently he is working on his first anthology.

Se

Se amanhã
Algumas silhuetas encontrarem um lugar para demorarem nas margens
da memória e da magia da poesia
E se as trevas e a luz encontrarem tempo para reconstruir reflexos
no caminho dos apaixonados e o seu tempo
E as águas puderem recuperar a sua tranquilidade
E o ocaso a sua intensidade áurea

Se amanhã
encontrarmos as palavras para expressar os nossos sentimentos
e dizer ao mundo como gostamos da sua languidez
e do movimento sempre diferido da felicidade que as nossas vidas podem dar
E se encontrarmos as palavras que falassem de amor
Como aconteceu com a cura para as feridas que temos nas nossas bocas
Como aconteceu com a cura para a dormência desta lepra
da indiferença que hoje sentimos;

Se amanhã
O tempo se fundir com a memória,
A poesia com a filosofia;
Se as pessoas puderem ganhar de novo perspectiva
E falar do mundo e do seu encanto,

Não passará muito tempo
até as nossas feridas se curarem

Não passará muito tempo
Até perdoarmos, e quem sabe talvez esquecermos,
Todo o sangue derramado e a dor

Não passará muito tempo
Até que vissemos a intensidade áurea do sol
E a tranquilidade das águas
A fazerem regressar o mundo a dias melhores.

If

If tomorrow
Silhouettes can find space to linger on the margins
Of memory and the magic of poetry
And darkness and light can find time to reconstruct reflections
On the passage of lovers and their times
And the waters can recover their calmness
And the setting sun its goldenness

If tomorrow
We can find words to express our feelings
To the world and tell of how we love its languidness
And its lingering about with the happiness our lives can give
And if we can find words that talk of love
Like it was the cure to the sores we feel in our mouths
Like it was the cure to the numbness of our leprosy
Of the indifference that now we feel;

If tomorrow
Time can merge with memory,
Poetry with philosophy;
If people can re-gain perspective
And tell of the world and its loveliness,

It won't take long
Before our sores will heal

It won't take long
Before we forgive, and perhaps forget,
All the bloodshed and the pain

It won't take long
Before we see the goldenness of the sun
And the calmness of the waters
Returning the world to better days.

PETER KAGAYI

A razão

‘É por isso que quando alguns de nós falam o Estado chama a isso traição;
É esta a razão:
É por isso que quando os profetas falam e o mundo não ouve,
As águas correm silenciosas, os pássaros pranteiam, o sol perde a sua luz,
e todas as hienas se riem assim como todos os bebés choram ao toque da meia-noite;
É por isso que quando os profetas são esquecidos
E A Profecia vive no vento,
A culpa, chafurdando rabugenta,
Relembrando a esquecida profecia,
Arranca-lhes o cabelo e abre-lhes os pulsos.’

‘É por isso que devias ouvir.’

‘Da mão que escreve para a voz que fala,
Da luz que aparece
Para a cabeça que pensa,
Vemos a opinião estrábica de um Fala-barato
Sobre nacionalismo ou crescimento económico ou sobre as estatísticas fraudulentas da UPE,
E todo o dolo matemático que eles vomitam na nossa cara;
As palavras que proferimos quebram as suas máscaras de fingimento
E diante de nós ficam nus mas revestidos de vergonha
E caem aos nossos pés para fazer valer o poder
que os desmascara.

‘E pior que tudo, nós falamos.’

‘Quando vêem um Presidente a discursar
Nós vemos um palhaço a gabar-se
Vocês vêem os carros que eles conduzem
Nós vemos hospitais em necessidade
Vocês vêem polícias carregando armas
Nós vemos braços que nos assaltam durante a noite
Vocês vêem pessoas a morrerem com a doença do sono
Nós vemos mulheres a engordarem com tanta facilidade.’

‘E pior que tudo, nós falamos.’

‘É por isso que quando alguns de nós falam o Estado chama a isso traição,
E a razão é:
Nós vemos a verdade.’

‘E eles odeiam isso.’

PETER KAGAYI

The Reason

‘This is why when some of us speak the State will call it treason;
This is the reason:
This is why when the prophets speak and the world doesn’t listen,
The waters run silent, the birds weep, the sun loses its light,
And all the hyenas laugh as all the babies cry at the stroke of mid-night;
This is why when prophets are forgotten
And The Prophecy lives in the wind,
The guilty, wallowing in waywardness,
Recalling the forgotten prophecy,
Pull out their hairs and slit their wrists’

‘And this is why you should listen.’

‘From the hand that writes to the voice that speaks,
From the light that appears
To the mind that thinks,
We see beyond the Squealer squints of speech
On nationalism or Economic growth or the bogus UPE statistics,
And all the mathematical deceit they puke in our faces;
The words we speak crack their masks of pretence
And before us they stand naked in shame
And fall before our feet to worship the power
That unmask them.

‘And worst of all, we speak.’

‘When you see a President rapping
We see a clown bragging
You see the cars they’re driving
We see hospitals craving
You see policemen carrying guns
We see arms that rob us at night
You see people dying of nodding disease
We see wives growing fat with consummate ease.’

‘And worst of all, we speak.’

‘This is why when some of us speak the State will call it treason,
And the reason:
We see the truth.’

‘And they hate that.’

PETER KAGAYI

Em 2065

Nada irá mudar assim tanto, excepto o facto de ter mais de 70 anos

As estradas serão iguais

Os políticos serão iguais

Kampala será igual

Em 2065 nada irá mudar assim tanto, excepto o facto de ter mais de 70 anos

E irei a Mulago para tratar o meu reumatismo e os médicos dirão que não há cura

E o homem do táxi-bicicleta irá recomendar-me um curandeiro da zona Oeste do Nilo

E irei para a escola do meu neto assim como o meu avô fez

E irei ser mandado embora por excesso de idade

O presidente vai ser o mesmo que temos hoje, e desde uma cadeira de rodas irá proferir o seu Discurso Nacional

Só que o filho dele, feito entretanto Marechal, irá lê-lo no lugar dele

E falará no seu lugar

E mandará no seu lugar

Em 2065, nada irá mudar assim tanto, excepto o facto de ter mais de 70 anos.

E Makerere estará mexida por motins e o General-Major “Não-sei-quantos”

Ordenará abrir fogo contra os estudantes que reivindicam feijões fritos

Pois isso será um perigo para a segurança nacional

E U.R.A irá taxar o ar que respiramos, as vezes que os casais se beijam,

Os nossos excrementos, as palavras que proferimos e a maneira como morremos

E determinará quem vai para o céu e quem vai para o inferno e irá taxar os seus corpos de modo diferente

Em 2065 nada irá mudar assim tanto, excepto o facto de ter mais de 70 anos,

E os professores estarão a pedir nas ruas para alimentarem as suas famílias

As suas esposas irão dormir com turistas para conseguirem levar uma vida decente

As leis serão a mesma sombra que os colonialistas deixaram atrás

Com sistemas demasiado arcaicos e demasiado alheados para proporcionarem alguma coisa de essencial

E os estudantes ficarão reduzidos a couves e batatas assim como se encontram hoje em dia

E a proporção entre os desempregados e os aspirantes a trabalho será de nove a um assim como é hoje

E assim a vida irá avançar,

E assim nada mudará

Em 2065 as crianças com oito anos tomarão contraceptivos

Crianças com oito anos andarão à noite em bares

Em 2065 as crianças não serão crianças serão narcísicos

Irão comer outras crianças amigas ao pequeno-almoço e no intervalo da escola

E não irão lavar as mãos mas irão dar-lhe mão

Em 2065 as crianças não serão crianças

E nós seremos as pessoas desse futuro

Construídas num presente que não promete assim tanto

Excepto envelhecer

Estaremos aí com a esperança de morrer em breve.

PETER KAGAYI

In 2065

Nothing will change that much, except I will be over 70 years

The roads will be the same

The politics will be the same

Kampala will be the same

In 2065 nothing will change that much, except I will be over 70 years

And I will go to Mulago to cure my rheumatism and the doctors will say there is no cure

And the boda- boda man at the stage will recommend to me a West-Nile witch doctor

And I will go to my grandson’s school like my grand-father did

And I will be turned away for old age will be something forbid

The president will be the president we have today, and in a wheel chair he will give the Nation Address

Only his son, then a field Marshall, will read it on his behalf

And he will talk on his behalf

And he will rule on his behalf

In 2065, nothing will change that much, except I will be over 70 years.

And Makerere will be on strike and Major- General ‘Something’

Will order open-fire on the students because their demand for fried beans

Will be a threat to the security of the State.

And U.R.A will be taxing the air we breathe, the many times couples kiss,

The fart we excrete, the words we speak and the way we die

And will determine those who go to heaven and those to hell and tax their corpses differently

In 2065 nothing will change that much, except I will be over 70 years,

And teachers will be begging on the streets to feed their families

Their wives will sleep with tourists to make a decent living

The syllabus will be the same shadow of what colonialists left behind

With systems too archaic and too alien too offer anything essential

And the students will remain cabbages and potatoes as they are today

And the ratio of the jobless to the job-hopeful will be nine to one as it is today

And like that life will move on,

And like that nothing will change

In 2065 children of eight will be using contraceptives

Children of eight will be going to night clubs

In 2065 children will not be children they will be narcissistic

They will be eating fellow children for breakfast and for break at school

And they will not wash their hands and will offer you a hand-shake

In 2065 children will not be children

And we will be the people the in that future

Built from a present that promises not much

Except ageing

We will be there hoping to die soon.

TJ DEMA

Botswana



Residente no Botswana, é poetisa, faz dobragens e dirige a Sauti Arts and Performance Management. É membro da academia de escrita da Universidade do Iowa e participou em vários programas literários nos Estados Unidos, no Reino Unido, na Dinamarca, na Índia, em França e noutros países da África Austral. Poetisa presente em várias antologias, foi presidente da Associação dos Escritores do Botswana, tendo coeditado a sua própria antologia de contos e poemas e feito ainda uma gravação em CD de doze poetas daquele país. Promoveu, igualmente, oficinas de escrita criativa, tanto para o programa Power in the Voice, do British Council, como para os programas International Gateway for Gifted Youth, da Universidade de Warwick e Iowa Youth Writing Project.

TJ Dema (1981) is a Botswana based poet, recording and voice over artist who runs Sauti Arts and Performance Management. She is an honorary fellow in writing of the University of Iowa and has participated in various literary programs in the US, UK, Denmark, India, France as well as throughout the southern African region. A widely anthologised poet, she is former chairperson of the Writers Association of Botswana, has co-edited its short story and poetry anthology and has recorded 12 Botswana poets on CD. She has facilitated creative writing workshops on behalf of the British Council's Power in the Voice program, the University of Warwick's International Gateway for Gifted Youth as well as the Iowa Youth Writing Project.

Porque sim

Porque sei que vais perguntar
onde estão as flores,
apanhei as lindas rosas vermelhas
e deixei-as na berma para que os pássaros as fossem comer.

Porque sei que vais perguntar
onde estão os doces,
fiz-te *halwa* com estas mãos
entusiasmei-me mas depois deitei a tua parte fora.

Porque sei que vais perguntar
onde estou,
há já muito deixei o sítio onde estava
para passear devagar por entre árvores

ai onde o teu olhar sedento não me possa avistar.

Just Because

Because I know you are going to ask
where the flowers are,
I have picked roses red and sweet,
left them by the wayside for the birds to eat.

Because I know you are going to ask
where the sweets are,
I have made you *halwa* with these hands
stirred and then spilt what was yours.

Because I know you are going to ask
where I am,
I have long left the place I was
to walk slow between the trees

Where your greedy eye cannot reach me.

TJ DEMA

Lethe

Este não é aquele rio
pórtico atulhado de sombras molhadas
e areia.
Isto é memória precária
que esgaravata
qualquer coisa que perdura
qualquer razão
plano que tenhamos ocultado.
Cada dia comprova que não há nada
nem sequer uma coisa só que possamos levar daqui.
Ocupamo-nos, no entanto, de esfarrapar tudo
enquanto as nossas mãos agarradas ao seixo
dizem-nos que algumas coisas ficam
arraigadas como o ginkgo na beira
enquanto outras se desgastam na corrente.
Venha o amanhã não saberás
por que não podes esquecer
a lição do conto de fadas
ou da memória adulta
não podes apagar quem te oferece esta bebida
cujo rosto fluorescente
tornou táctil o teu contorno à meia-noite
tornou-te em espuma
nesta luz estridente da madrugada.

Lethe

This is not that river
portico filled with wet shadow
and sand.
This is deciduous memory
and it grates against
whatever remains
whatever reasons
designs we have concealed.
Each day concedes there is nothing
not one thing to take away from here.
Yet we make work of shredding everything
and our hands clutching at round river rock
tell us that some things stay
rooted as ginkgo on the bank
while others erode into the current.
Come tomorrow you will not know
why you cannot forget
dogmata of fairy tale
or from adult memory
erase the giver of this drink
whose fluorescent face
turned your tactile midnight form
to foam
in that loud morning light

TJ DEMA

Isto não é a embocadura
de um Havana Green no limbo brutal de um acaso feliz
Isto é fogo e sombra, emudecidos.

Vimos de Kalahari
e encontrámo-nos
na companhia de um homem,

O género que dorme de pé ou,
como um lagarto, de olho aberto
esperando assim permanecer vivo.

Já fizemos este caminho antes
e sabíamos que não havia quintas,
que não havia nada durante milhas, a não ser acácias e sol.

E, no entanto, este homem estava ali,
de mala suja na mão,
com os dedos do pé levantados para assim refrescar os calcanhares nus.

Depois de atravessarmos os arbustos
e a areia,
ele falou.

Continuem a andar, disse.
Qualquer coisa que seja, não parem
e não olhem para trás.

This is not Greene's Havana
socket in the limb of brutal serendipity
This is fire and shade, still.

We'd come from the Kalahari
and found ourselves
in the company of a man,

The type to sleep standing or,
not unlike a lizard, with one eye open
waiting to stay alive.

We had been this way before
and knew there were no farms,
not for miles, just acacia and sun.

Still this man was there,
stained suitcase in hand,
toes pointed up to cool his bare heels.

Once we'd got past the shrubbery
and sand,
he spoke.

Just keep driving, he said.
Whatever happens don't stop
and don't look back

VONANI
BILA

África do Sul / South Africa



Nasceu em 1972. Poeta, músico, formador de escrita criativa, é editor do jornal de poesia Timbila. Atualmente é aluno do programa de Mestrado em Escrita Criativa, da Universidade de Rhodes. Entre os seus livros de poesia, encontram-se “Handsome Jita” (University of KwaZulu Natal Press, 2007), “In the name of Amandla” (Timbila Poetry, 2005) e “Magicstan Fires” (Timbila Poetry, 2006). Fundou a casa rural para escritores, Timbila Writers' Village, em Shirley Village, na província do Limpopo. Os seus poemas já foram lidos no seu próprio país, assim como no Brasil, na Bélgica, no Gana, na Finlândia, na Argélia e na Indonésia e, muitos deles, encontram-se traduzidos para finlandês, indonésio, sueco, alemão, holandês, turco e francês.

Vonani Bila (1972) is a poet, musician, creative writing coach and editor of the poetry journal Timbila. He's currently a student in the MA in Creative Writing programme at Rhodes University. His books of poems include “Handsome Jita” (University of KwaZulu Natal Press, 2007), “In the name of Amandla” (Timbila Poetry, 2005) and “Magicstan Fires” (Timbila Poetry 2006). He is the founder of the Timbila Writers' Village in Shirley village, Limpopo province. Bila has read his poetry in South Africa, Brazil, Belgium, Ghana, Finland, Algeria and Indone-sia. Some of his poems have been translated into Finnish, Indonesian Bahasa, Swedish, German, Dutch, Turkish and French.

Burgersfort Landfill

Aqui pululam abutres
Por entre os rostos atrozes dos moradores das barracas
E as suas crianças esfomeadas

Quando o carro do lixo chega
Os pretos abutres humanos empurram-se e esmagam-se
Lutando na miséria
Concorrendo com ratos e porcos

Ninguém fala deste negócio atroz
Os abutres esperam transformar os trapos em riqueza
Aqui, na nossa desperdiçada economia de mercado

Quando os ministros falam de licenças para pretos
Ninguém fala deste negócio atroz
Que tenta em vão transformar trapos em riqueza

Mas no dia das eleições –
Os abutres são alimentados com papinha e guisado de vaca
Vestidos com uma T-shir limpa com a cara do líder

E quando a noite cai
Os abutres, já gastos, regressam à lixeira
Um cemitério de esperanças celestial – a sua casa.

Burgersfort Landfill

Vultures dwell here
Among the grim faced shack dwellers
With their famished children

When the waste delivery truck arrives
The dark human vultures shove and shuffle
Fighting over dirt
Competing with rats and pigs

No one talks about this grim enterprise
The vultures hope to turn rags to riches
In this, our wasted market economy

When ministers talk of black empowerment
No one mentions this grim enterprise
Which tries in vain to turn rags to riches

But on election day –
The vultures are fed with pap and beef stew
Dressed in a clean T-shirt with the leader's face

And when darkness falls
The vultures jadedly retire to the dump
A celestial graveyard of hopes – their home

O Empregado de Limpeza das Casas de Banho
OU O Aeroporto Internacional Tambo

Jovem e energético
de cabeça rapada e limpa
com a barba bem feita
e vestido de farda vermelha
sorri amplamente:
“Boa tarde, senhor,
bem-vindo ao meu escritório.”
Depois vai para o cubículo da casa de banho, limpa-o,
e elimina com detergentes
o odor de alguma diarreia

O homem do urinol
vestido com um fato preto caro, com gravata de executivo
e sapatos de bico –
o homem que arrasta uma mala preta
cheia de adereços modernos, dinheiro, cartões de crédito,
documentos importantes e talvez uma garrafa de whisky
este diamante preto familiar diz:
“Tem um escritório giro, senhor!”

Depois desata a rir a gargalhadas
Hahaha! Hahaha! Hahaha!
Hehehe! Hehehe! Hehehe!
Kekeke! Kekeke! Kekeke!
Wakakaka! Wakakakakaaa!
Wakakakakakaaaaaaa!
Wakakakakakakaaaaaaa!

The Toilet Cleaner at
OR Tambo International Airport

Young and energetic
with a clean-shaven head
and well-trimmed beard
and red work wear
smiles broadly:
“Good afternoon sir,
welcome to my office.”
Then he goes to the toilet cubicle, cleans it,
kills the odour of any diarrhea
with detergents

The man in the urinary
wearing an expensive black suite, executive tie
and pointed shoes –
the man who pushes a black suitcase
full of modern gadgets, cash, credit cards,
important documents and perhaps a bottle of whisky
this familiar black diamond says:
“You have a nice office man!”

Then he bursts into an uncontrollable laughter
Hahaha! Hahaha! Hahaha!
Hehehe! Hehehe! Hehehe!
Kekeke! Kekeke! Kekeke!
Wakakaka! Wakakakakaaa!
Wakakakakakaaaaaaa!
Wakakakakakakaaaaaaa!

PROGRAMA GULBENKIAN PRÓXIMO FUTURO
GULBENKIAN NEXT FUTURE PROGRAMME

Programador geral / Chief curator
António Pinto Ribeiro

Assistentes de programação / Curatorial assistants
Lúcia Marques
Sandra Guimarães

Assistente de produção (estagiário) / Production assistant (intern)
Vitor Alves Brotas

Colaboração / Collaboration
Serviços Centrais / Central Departments
(diretor / director: António Repolho Correia)
Serviço de Comunicação / Communication Department
(diretora / director: Elisabete Caramelo)

Design gráfico / Graphic design
Arne Kaiser

Apoio à comunicação / Communication support
Mónica Braz Teixeira

Traduções / Translations
Golgona Anghel
James Kirkby
John Elliot
Manuel Chaves

Website
BOQ (Guilherme Cartaxo / Miguel Duarte)

Colaborador / Collaborator (Website/Blog/FB/Twitter)
Lúcia Marques
Maria Vlachou

Agradecimentos / Acknowledgments
Catarina Botelho
Golgona Anghel
Harry Garuba
Joeonna Bellorado-Samuels (Jack Shainman Gallery)
Joan Metelerkamp
Peter Kagayi
TJ Dema
Vonani Bila

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN
AV. DE BERNAL 45A, 1067-001 Lisboa

proximofuturo@gulbenkian.pt
tel. (+351) 217 823 529
www.proximofuturo.gulbenkian.pt

capa / cover
ZWELETHU MTHETHWA
“Untitled (Hope Chest series)”, 2012
Impressão cromogénica / Chromogenic print
Cortesia do artista e da galeria Jack Shainman,
Nova Iorque / Courtesy of the artist and Jack
Shainman Gallery, New York

Zwelethu Mthethwa nasceu em 1960, na cidade
de Durban, KwaZulu-Natal, África do Sul, onde
concluiu a licenciatura em Artes Visuais da
Michaelis School of Fine Art da Universidade da
Cidade do Cabo (universidade exclusivamente de
brancos, que pôde frequentar por especial autori-
zação ministerial). Em 1989, concluiu o mestrado
em Artes da Imagem, com uma bolsa Fulbright, no
Rochester Institute de Tecnologia em Nova Iorque.
Zwelethu Mthethwa fez várias exposições nos
Estados Unidos, assim como em França, na Ale-
manha, em Itália, na África do Sul e na Suíça,
tendo ainda participado em prestigiadas exposições
coletivas internacionais, a as quais a Bienal de
Veneza de 2005, a *Prospect.1* de Nova Orleães de
2008 e a *Africa Remix: Contemporary Art of a
Continent* (em digressão internacional).

Zwelethu Mthethwa (born in Durban, KwaZulu-Natal,
South Africa, 1960) received his BFA from the
Michaelis School of Fine Art, University of Cape
Town, a then “whites-only” university he entered
under special ministerial consent. In 1989, he
earned a Master’s degree in imaging arts while on
a Fulbright Scholarship to the Rochester Institute
of Technology, Rochester, New York. Mthethwa has
exhibited widely in the United States, France, Ger-
many, Italy, South Africa and Switzerland. His work
has featured on major international group shows,
including the 2005 Venice Biennale; *Prospect.1*
New Orleans, 2008; and *Africa Remix: Contemporary
Art of a Continent*, which toured internationally.

Nº 14

OUTUBRO / OCTOBER
2013

PRÓXIMO FUTURO NEXT FUTURE

Próximo Futuro é um Programa Gulbenkian de Cultura Contemporânea dedicado em particular, mas não exclusivamente, à investigação e à criação na Europa, em África, na América Latina e nas Caraíbas.

Next Future is a Gulbenkian Program of Contemporary Culture dedicated in particular, but not exclusively, to research and creation in Europe, Africa, Latin America and the Caribbean.



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN

